



*“Mar Verde, Pedras e Barco, Cabo Split, Maine”, 1940, de John Marin.
“Esta aquarela, a primeira obra americana que comprei, era uma das melhores”*

Por que Coleciono Arte

DE TÔDAS as decisões que tomei na vida, uma das melhores foi quando estava viajando numa gôndola nos canais de Veneza em 1958. Em férias naquela cidade, eu tinha ido a uma exposição de arte onde, numa vintena de grandes pavilhões, eram exibidos os melhores quadros contemporâneos do mundo. A França, a Rússia, a Itália

JAMES A. MICHENER

MICHENER FOUNDATION COLLECTION,
UNIVERSITY OF TEXAS

lia, a Alemanha e a Inglaterra tinham mostras esplêndidas, assim como dezenas de nações menores—mas aonde quer que eu fôsse encontrava críticos e artistas concordando em que os americanos estavam na vanguarda.

Disse-me um crítico inglês: “É surpreendente como, partindo de uma posição na retaguarda, vocês americanos passaram à liderança.”

No pavilhão americano eu mesmo vi como era brilhante essa nova arte, como era empolgante. A antiga idéia de que a pintura americana não passava de uma pálida imitação da arte européia estava morta—fôra morta por um exército de inspirados pincéis empunhados por americanos ousados, de pensamento jovem.

Ao deixar a exposição no táxi aquático, uma idéia clara e vívida veio até mim, surgida das águas do canal: *Você faz seu meio de vida nas artes. Por que não dedicar algumas economias que faz cada ano à compra de quadros contemporâneos feitos em sua própria terra?*

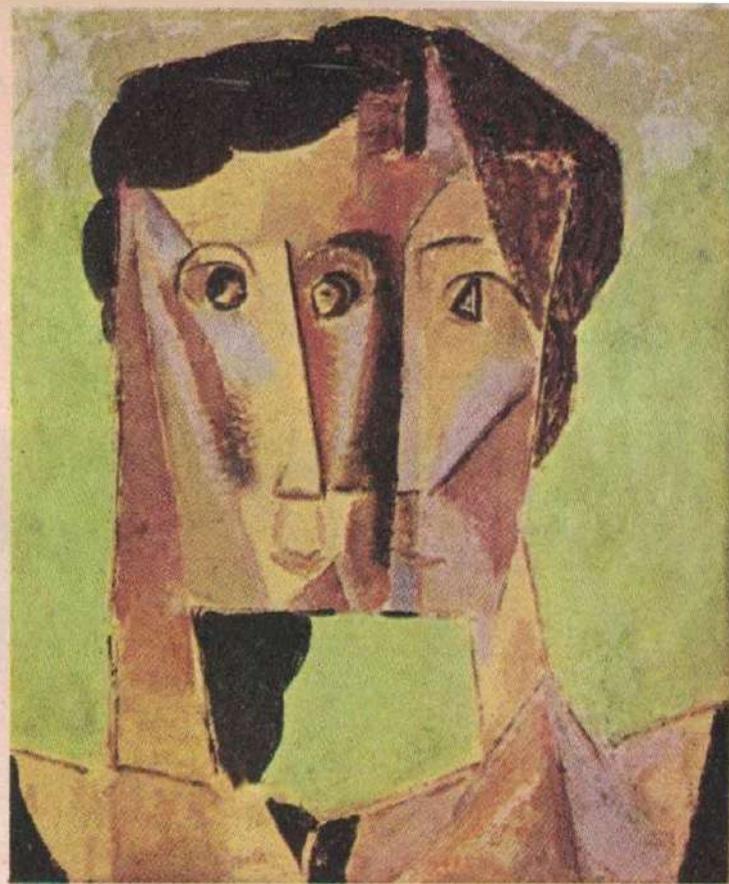
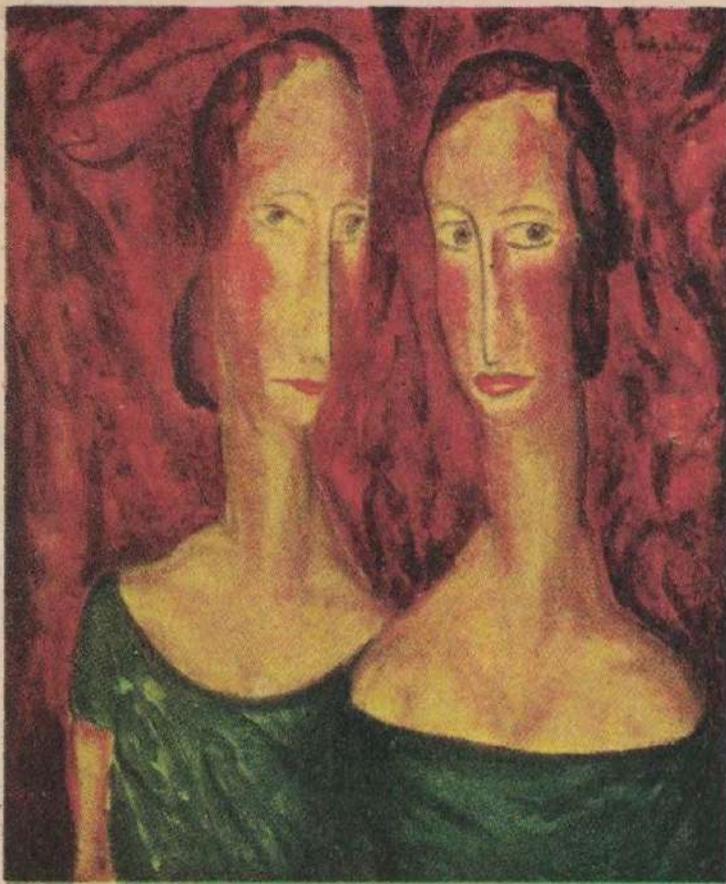
Quando vi os preços (4.000 dólares por um único quadro), desisti da idéia. Eu não crescera numa família acostumada a despender êsse volume de dinheiro em quadrados de tela e bolotas de tinta. Mas a idéia continuou a perseguir-me. E assim foi que um dia passei por uma galeria de arte em Nova York, dirigida por um amigo meu, e comecei a jornada que a gente nunca abandona desde que foi mordida pelo micróbio do colecionador.

O primeiro trabalho que comprei

foi um vencedor, um dos melhores—uma marinha de John Marin. Era arrojado, extraordinário, uma evocação perfeita do mar e da costa, com um barco garboso navegando em direção ao pôr do Sol. Êsse grande quadro tem melhorado ano após ano. Todo o mundo da arte reconhece hoje Marin, que morreu em 1953, como um mestre.

A compra seguinte consistiu em duas telas, cada uma mostrando as cabeças de duas meninas. Eram trabalhos de Alfred H. Maurer, um gênio sombrio que morreu relativamente desconhecido em 1932. Um dos quadros mostra as duas meninas com um aspecto mais ou menos normal, a não ser pelo fato de que as cabeças eram alongadas no estilo de El Greco e Modigliani. Gostei do quadro à primeira vista. Mas com o passar dos anos foi a segunda versão que se tornou minha favorita—com um tratamento cubista semi-abstrato altamente estilizado. Se alguém que entendesse pouco de arte quisesse adquirir a compreensão mais rápida possível da pintura recente, deveria viver, como eu, com essas esplêndidas telas.

O primeiro quadro que minha mulher escolheu tornou-se uma das nossas mais deliciosas aquisições. Mostra duas garçonetes maliciosas numa estalagem de verão requebrando-se sobre pernas esquisitas e pés pontudos. Elas têm rostos curiosos, meio japoneses, e a paisagem é um tanto extraterrena. Foi trabalho de um nipo-americano chamado Yasuo



*"Duas Meninas", 1926, e "Duas Cabeças", 1930, ambos de Alfred H. Maurer.
"Com o passar dos anos foi a segunda versão (à direita) que se tornou minha favorita"
"Garçonetes de Sparhawk", 1924-25, de Yasuo Kuniyoshi. "Escolhido por minha mulher,
que é nipo-americana, é um dos quadros mais felizes que adquirimos"*



Kuniyoshi, um homenzinho vivo que pintava como um anjo e fêz retratos de si mesmo em vistosos trajes de gôlfe. É um dos melhores pintores que os Estados Unidos produziram neste século.

das na América. Sua brutal "Lembrança do Nôvo México" traz até nós como num grito o Velho Oeste, com a passagem do gado e os dias sombrios e solitários passados nas pastagens.



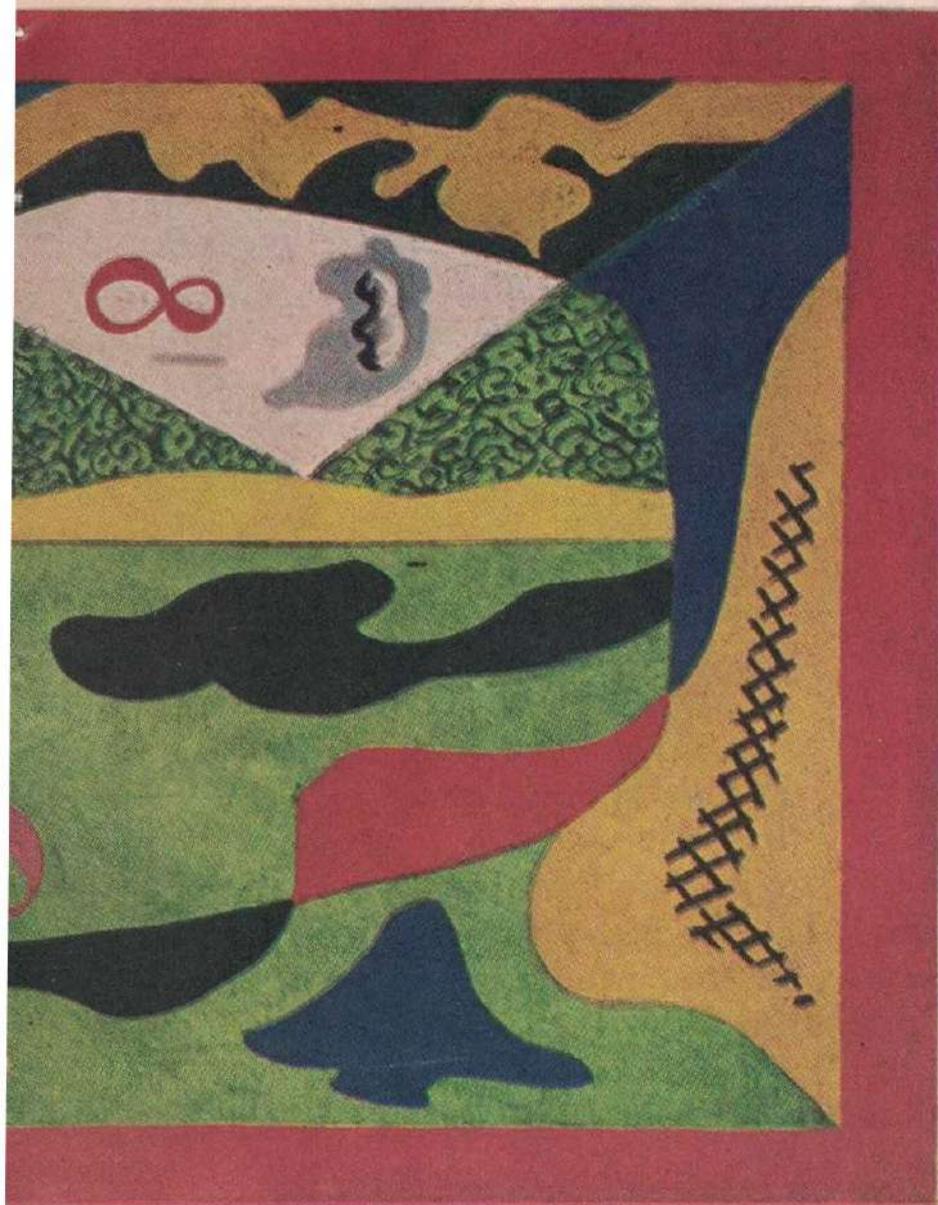
"Schwanda, o Tocador de Gaita de Foles", 1962, de George McNeil.
 "Para mim, uma verdadeira obra de arte, majestosa, empolgante"

Alguns dos artistas da coleção conquistaram fama durante a vida, outros morreram na obscuridade. Um que atingiu um certo nome é Marsden Hartley, que pintou algumas das melhores paisagens já produzi-

Os quadros mencionados até agora mostram temas reconhecíveis, mas a coleção é mais forte em pintura abstrata da espécie que tornou a arte americana famosa nos últimos anos. Dêstes uma pequena jóia é

“Campos e Céu”, de Stuart Davis. É um favorito popular: brilhante, gracioso, vívido e cheio de surpresas. Davis morreu recentemente coberto de honrarias. É um dos pintores abstratos mais fáceis de apre-

Qual, dentre as 275 pinturas da coleção, eu prefiro acima de tôdas? É “Schwanda, o Tocador de Gaita de Foles”, de George McNeil, um artista pouco conhecido do público, mas de grande reputação entre os



“Campos e Céu”, 1931, de Stuart Davis. “Cheio de surpresas”



“Elísio”, 1960, de Hans Hofmann. “Para onde vão os artistas velhos quando morrem”

ciar, mas—ai de mim!—os quadros dêle tornaram-se tão caros (28.000 dólares por uma tela de tamanho e qualidade médios) que o colecionador típico não pode mais esperar possuir um.

seus colegas. É um trabalho abstrato, marcado por traços de côr e vastas áreas de tinta fosforescente. Tem movimento, profundidade e uma rude vitalidade. Imagino que o artista não teve a intenção de me fa-

zer ver figuras reais em sua tela brilhante, mas eu vejo, vejo Schwanda, o lendário tocador de gaita de foles da Europa Central, saindo das montanhas que eu vim a conhecer tão bem durante a Revolução Húngara, quando estive lá trabalhando em meu livro *A Ponte de Andau*. Vejo os vales por onde aquêle músico louco vagava e ouço o lamento roufenho das gaitas. Para mim esta é uma verdadeira obra de arte, majestosa, empolgante.

Talvez poucos observadores consigam encontrar o que eu encontro neste quadro estranho. Uma das belezas da arte moderna é que ela convida a imaginação a participar de uma profunda aventura. Se sua imaginação particular encontra menos do que a minha em "Schwanda", não se preocupe. Alguma obra afetará você, se a contemplar com mente aberta e olhar atento, e talvez eu não goste dela absolutamente.

Se eu tivesse de escolher um homem da nova escola que mais significou para mim pessoalmente, seria um velho anão da Alemanha. Era Hans Hofmann, e qualquer um que não goste de arte moderna poderá culpá-lo de tudo, porque êle foi um dos seus mestres mais profundos. Muitos artistas da nossa coleção estudaram com Hofmann. Até sua morte, recentemente, aos 80 anos, êsse velho vigoroso continuava pintando com maior energia do que nunca. Falei-lhe pela última vez em

Greenwich Village (um bairro de Manhattan há muito famoso como comunidade de artistas, boêmios e não-conformistas), onde êle dava um curso informal para jovens.

—Tem algum favorito especial seu no atelier?—perguntei.

Seu rosto velho abriu-se em sorrisos:

—Ach! Tenho um que você deve ver. Eu o chamo "Elísio". É para onde os artistas velhos vão quando morrem. É muito simples, apenas um jôgo de quadrados, mas diz tudo.

Achei "Elísio" exatamente o que êle me dissera, um jôgo de celestiais quadrados de côr, muito simples, muito limpo, um lugar venerado onde o espírito de um artista podia muito bem residir. Acredito que nos anos futuros Hans Hofmann alcançará um lugar eminente na história da arte americana, não tão grande como o de Jackson Pollock, não tão respeitado em todo o mundo como o de John Marin, mas um lugar seguro como o do homem que mostrou a todos nós os novos caminhos para antigas belezas.

Os MICHENER doaram sua coleção à Universidade do Texas em Austin, a qual está realizando uma obra notável de educação artística. "A universidade", explica o escritor, "pode fazer melhor uso dela do que poderia uma pessoa só."

